

# Economia não deve se recuperar este ano

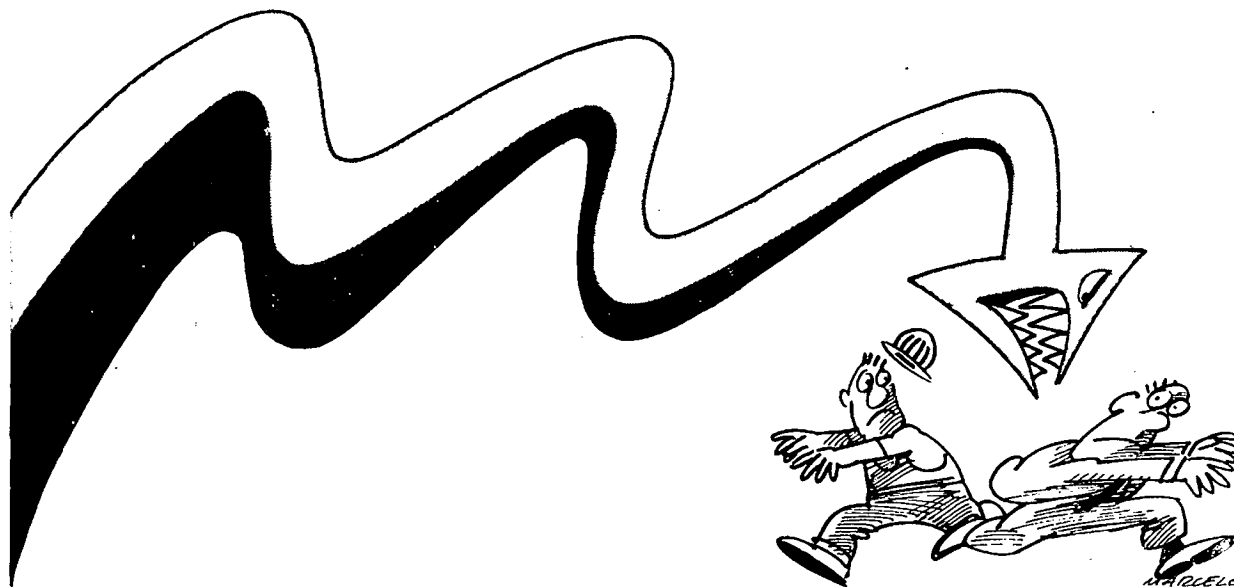
LÉA CRISTINA

Se o Governo mantiver como prioridade número um a derrubada da inflação, o ligeiro aquecimento da economia, de março para cá, não passará de uma "bolhinha" de consumo. Esta é a visão do Coordenador do Grupo de Conjuntura do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), José Cláudio Ferreira da Silva. Para ele, se as autoridades entenderem que taxas de inflação de 7% a 8% ao mês são um bom resultado, o aquecimento manterá por quatro a oito meses, quando novo ajuste terá de ser feito às pressas. De concreto, a certeza de que a economia não vai alcançar recuperação, de fato, este ano.

O economista do Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (Copead) Cláudio Contador também está certo que não há nem como pensar em recuperação econômica em 1991. Apesar de ressaltar a capacidade de articulação da nova equipe do Ministério da Economia, Contador diz que "a herança deixada pela equipe antiga não dá margem a mudanças". Ele até acredita que o desbloqueio dos cruzados, a necessidade da indústria de refazer estoques e a execução de projetos como a Linha Vermelha e o Minha Gente (a dos centros escolares) vai aquecer um pouco a economia no segundo semestre.

— Mas este movimento não passará de uma bolha de consumo, que no fim do ano já estará desfeita — diz ele, que na publicação "Indicadores Antecedentes", juntamente com o economista Airton Ribeiro, traça diferentes cenários para a economia brasileira até 1992.

Uma nova queda do PIB (-1,8%) e do salário real (-19%), inflação média entre 600% e 900% e taxa de desemprego de 5,2% — que compõem o cenário de "ajuste com fracasso" — traduzem, para Contador, os números da economia para 1991, ano marcado ainda pela recessão mundial. No que diz respeito a 1992, ele aposta no cenário de "ajuste com êxito": crescimento de 4,2% para o PIB e de 10% para o salário médio, inflação entre 60% e



## Cenários para a economia

Entre os diferentes cenários traçados pelo "Indicadores Antecedentes", o economista Cláudio Contador prevê que em 1991 o PIB cairá novamente (em -1,8%) e que em 1992 registrará recuperação de 4,2%

ITEM	1990	1991	1992
PIB	-4,6%	-1,8%	4,2%
● Agropecuária	-4,4%	3,0%	4,0%
● Indústria	-8,6%	-4,0%	6,0%
● Serviços	-0,7%	-0,7%	3,0%
Inflação média	1.477%	600% a 900%	60% a 90%
Desemprego (IBGE)	4,3%	5,2%	3,8%
Salário Real	-40,8%	-19,0%	10%
Dívida Externa	US\$ 121,8 bi	US\$ 127 bi	US\$ 127 bi

FONTE: Indicadores Antecedentes

90% e taxa de desemprego de 3,8%. Em 1990, estes números ficaram, respectivamente, em -4,6%, -40,8%, 1.477% e 4,3%.

Mas para a retomada em 1992, Contador considera essencial um choque de investimentos. O pacto não deu certo com Sarney, nem com a equipe de Zélia, mas poderá dar certo com a dobradiça Collor/Marcílio, que mistura impetuosidade com capacidade de articulação, diz ele:

— A nova equipe tem mais condição de negociar salários,

preços e dívida externa. Até porque os empresários, por exemplo, já estão entendendo que precisam investir mais em produtividade — afirma Contador, enquanto José Cláudio acha que um pacto pode ajudar mas que no momento é necessário que o Governo retome sua política monetária restritiva:

— Em abril houve uma certa contenção da base monetária. Mas este mês, o controle está mais frouxo, o que sanciona aumentos de preços — diz.